

A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA INFANTIL NA FORMAÇÃO DE VALORES ÉTICOS E A IDENTIDADE DA CRIANÇA NEGRA

Fabrício Freitas dos Santos¹; Elisângela Maria de Oliveira²; Ana Sara Ferreira de Souza³;
Airton dos Santos Souza⁴; ÉriSSa Regina Silva de Souza⁵

Universidade Estadual do Piauí – UESPI, fabryson@gmail.com;
Universidade Federal do Piauí – UFPI, elisangela@redeskynet.com;
Universidade Estadual do Piauí – UESPI, sarahpink2007@hotmail.com;
Universidade Federal do Piauí – UFPI, Ayrton.gowdhem@hotmail.com;
Universidade Federal do Piauí – UFPI, erissa_reginna@hotmail.com

RESUMO: Este trabalho estuda a importância da Literatura infantil para a construção de identidade étnico-racial da criança negra, trazendo um breve histórico sobre este jovem gênero literário, fazendo uma discussão acerca dos caminhos possíveis para uma construção identitária: trata-se da Literatura afro-brasileira, a tradição oral africana e o papel da linguagem iconográfica no tocante ao processo de interação da criança com a literatura e com o sentimento de pertencimento desta em relação ao seu grupo étnico racial. Apresenta também os resultados de um estudo de caso com alunos negros da Educação Infantil da Rede Pública Municipal de Parnaíba - Piauí. O objetivo principal foi levantar as representações e reações diante de histórias que trazem narrativas e ilustrações positivas do negro especialmente, sobre a identidade étnico-racial. Para tanto foi desenvolvido um estudo de caso na Escola Municipal Plautila Lopes do Nascimento, onde foram usadas técnicas de coletas de dados como observação, entrevista e oficina de contação de histórias. O referido estudo corrobora para um processo de construção de identidade de alunos negros onde impera a falta de informações, não apenas por parte do ensino formal, do aluno negro quando o assunto é a sua história, o que colabora para a não-aceitação de si mesmo e em decorrência disso, compromete a sua relação com o outro e com o mundo que o rodeia.

Palavras-chaves: Escola, Identidade, Literatura Afro, Crianças.

INTRODUÇÃO

A construção da identidade da criança é algo que vai passar inevitavelmente pelos referenciais que forem a ela apresentados. Neste aspecto, destacamos principalmente, os brinquedos, os personagens de desenho animado e as histórias infantis. Há duas formas de as crianças entrarem em contato com estas histórias: uma, é através da oralidade e a outra através dos livros. Tanto em uma como em outra a criança vai deparar com os personagens principais, os heróis, as mocinhas, os animaizinhos, os príncipes e as princesas, as fadas, dentre outros. O que encontramos nestas histórias são personagens de origem europeia, mocinhas brancas e

frágeis esperando por príncipes, também brancos, que irão salvá-las.

As crianças crescem com a sensação de que os padrões do belo e do bom são aqueles com os quais se depararam nos livros infantis. As crianças brancas vão se identificar e pensar serem superiores às demais, vão estar em posição privilegiada em relação às outras etnias. As crianças negras alimentarão a imagem de que são inferiores e inadequadas. Crescerão com essa ideia de branqueamento introjetada, achando que só serão aceitas se aproximarem-se dos referenciais estabelecidos pelos brancos. Rejeitando tudo aquilo que as assemelhe com o universo do negro.

Neste texto pretendemos discutir como um trabalho com literatura afro-brasileira, onde os heróis são referências em histórias como protagonistas negros, pode contribuir, tanto para a construção da identidade e da autoestima de crianças negras como para a valorização da convivência na diversidade com a criança branca.

A LITERATURA INFANTIL

A literatura infantil é essencial no processo de aprendizagem de crianças, especialmente da leitura da escrita. De acordo com Silva (2010), “o ato de ler e ouvir histórias possibilita à criança expandir seu campo de conhecimento, tanto na língua escrita, quanto na oralidade”.

A humanidade tem necessidade de se comunicar e, portanto, de contar histórias. Compartilhar experiências tem significação para todo o grupo. “É comum que os povos se orgulhem de suas histórias, tradições, mitos e lendas, pois são expressões de sua cultura e devem ser preservadas” (Jovino 2006:3).

A literatura infantil se constituiu como gênero literário durante o século XVII, época em que as mudanças na estrutura da sociedade desencadearam repercussões no âmbito artístico. A arte, incluindo-se aí a literatura, não poderia ficar imune às transformações sociais. A palavra funciona como veículo para a leitura, mobilizando a percepção sensorial, o pensar, o sentir e o agir dos indivíduos, bem como dos seus grupos sociais de pertença.

Conforme Zilberman (2005) no final do século XIX, o surgimento dos primeiros livros infantis veio para atender às solicitações, indiretamente formuladas, de um determinado grupo social emergente, uma classe média urbana em ascensão. Surge então, neste período, um novo mercado reivindicando escritores para atendê-lo. Porém, a ausência de uma tradição na produção literária infantil os faz buscar, como alternativa, a tradução de obras estrangeiras

direcionadas aos adultos e que foram adaptadas às crianças.

A LITERATURA INFANTIL AFRO-BRASILEIRA

Com o predomínio de protagonistas brancos na literatura infantil, de acordo com Jovino (2006), no final da década de 20 e início da década de 30 do século XX, os personagens negros começam a aparecer. As histórias, neste período, não retratavam positivamente o negro e sua cultura, ao contrário, reforçavam a imagem dele como subalterno, analfabeto e ignorante.

Conforme Souza (2005), o negro aparecerá desde os seus primórdios, tanto na história quanto na literatura. Porém, o que ocorre é uma sucessão de poetas e romancistas que representam o negro de forma estereotipada e inferiorizada. Os homens e as mulheres negras são apresentados com características de: preguiça, violência, estupidez, superstição, feitiçaria, malandragem, lascividade ou feiura. Aqueles que retratavam o negro com mais simpatia, como Castro Alves, não se identificavam com os mesmos. Eram motivados pelo momento histórico em que viviam e pela classe à qual pertenciam, definindo o negro com uma mistura de idealismo e medo.

Após a abolição, segundo Souza (2005), o discurso sobre o negro como escravo e mercadoria é substituído pelo discurso do negro cidadão. Contudo, ou ele emerge como brutalizado, animalizado, sujo, tentação carnal ou é retratado como bom crioulo passivo. No movimento modernista, a tendência de exaltação dos valores nacionais proporciona a valorização do negro e do índio. Porém, o negro é retratado de forma exótica.

[...] somente a partir de 1975 é que vamos encontrar uma produção de literatura infantil mais comprometida com uma outra representação da vida social brasileira; por isso, podemos conhecer nesse período obras em que a cultura e os personagens negros figurem com mais frequência. O resultado dessa proposta é um esforço desenvolvido por alguns autores para abordar temas até então considerados tabus e impróprios para crianças e adolescentes como, por exemplo, o preconceito racial. O propósito de uma representação mais de acordo com a realidade, nem sempre é alcançado. Embora muitas obras desse período tenham uma preocupação com a denúncia do preconceito e da discriminação racial, muitas delas terminam por apresentar personagens negros de um modo que repete algumas imagens e representações com as quais pretendiam romper. Essas histórias terminavam por criar uma hierarquia de exposição dos personagens e das culturas negras, fixando-os em um lugar desprestigiado do ponto de vista racial, social e estético. Nessa hierarquia, os melhores postos, as melhores condições, a beleza mais ressaltada é sempre da personagem feminina mestiça e de pele clara. (Jovino 2006: 187)

Atualmente, os textos voltados para o público infanto-juvenil, buscam romper com as

representações que inferiorizam os negros e sua cultura. As obras os retratam em situações comuns do cotidiano, enfrentando preconceitos, resgatando sua identidade e valorizando suas tradições religiosas, mitológicas e a oralidade africana.

Há também os livros que retomam traços e símbolos da cultura afro-brasileira, tais como as religiões de matrizes africanas, a capoeira, a dança e os mecanismos de resistência diante das discriminações, objetivando um estímulo positivo e uma autoestima favorável ao leitor negro e uma possibilidade de representação que permite ao leitor não negro tomar contato com outra face da cultura afro-brasileira que ainda é pouco explorada na escola, nos meios de comunicação, assim como na sociedade em geral. Trata-se de obras que não se prendem ao passado histórico da escravização. (Jovino 2006: 216)

Os contos populares, de tradição africana e afro-brasileira são também um importante e significativo modo de preservação da memória e da tradição, apesar de serem pouco valorizados pela literatura. Contudo, a sua importância já é reconhecida. A força desta cultura está na possibilidade de novas experiências para percepção do mundo. Há um crescente número de publicações destas histórias, originadas da tradição oral, o que expressa uma construção de novos paradigmas socialmente construídos.

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

A construção da identidade do indivíduo inicia-se na sua infância e vai sofrer influência de todos os referenciais com os quais ele irá se deparar ao longo de sua história. Sejam positivos ou negativos. Para Erikson (1972), o senso de identidade é desenvolvido durante todo ciclo de vida, no qual cada indivíduo passa por uma série de períodos de desenvolvimento distintos.

Em termos psicológicos, a formação da identidade emprega um processo de reflexão e observação simultâneas, um processo que ocorre em todos os níveis do funcionamento mental, pelo qual o indivíduo julga a si próprio à luz daquilo que percebe ser a maneira como os outros o julgam, em comparação com eles próprios e com uma tipologia que é significativa para eles; enquanto que ele julga a maneira como eles o julgam, à luz do modo como percebe a si próprio em comparação com os demais e com os tipos que se tornam importantes para ele. (Erikson 1972: 21)

Portanto, a construção da identidade é pessoal e social, acontecendo de forma interativa, através de trocas entre o indivíduo e o meio no qual está inserido. Esse autor enfatiza, ainda, que a identidade não deve ser vista como algo estático e imutável, como se

fosse uma armadura para a personalidade, mas como algo em constante desenvolvimento.

[...] uma literatura com proposta de representação do negro, que rompa com esses lugares de saber, possa trazer imagens enriquecedoras, pois a beleza das imagens e o negro como protagonista são exemplos favoráveis à construção de uma identidade e uma autoestima. Isto pode desenvolver um orgulho, nos negros, de serem quem são, de sua história, de sua cultura. [...]. Investir na construção de uma identidade significa abrir caminho para a revolução no jeito de pensar da sociedade contemporânea, pois os educandos de hoje serão a sociedade de amanhã. A literatura, nesse ínterim, pode ser um espaço de problematização do movimento ocorrido em nossa sociedade. (Silva 2010: 35)

Hall (2005), afirma que a identidade é construída com o tempo, e que, este processo se dá através do inconsciente e não pela consciência do indivíduo no momento do nascimento. Este autor destaca que, sendo a identidade formada ao longo do tempo e da vivência do indivíduo, está sempre sujeita às influências do meio na sua constituição. Estas influências representam os valores pré-estabelecidos, que são absorvidos através da sociedade que o indivíduo pertence.

A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação “com outras pessoas importantes para ele”, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava. G.H Mead, C.H. Cooley e os interacionistas simbólicos são as figuras-chave na sociologia que elaboraram esta concepção “interativa” da identidade do eu. De acordo com essa visão, que se tornou a concepção sociológica clássica da questão, a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem (Hall 2005: 11).

De acordo com autor citado acima, a construção da identidade está sempre em movimento e não pode ser vista de forma cristalizada. As pessoas mudam suas identidades conforme as necessidades do momento. Dentro de cada um existem identidades contraditórias promovendo movimentos em diferentes direções e nos dando oportunidade de mudança. A identidade deve considerar o sujeito sócio histórico, cultural, localizado geograficamente, espacialmente e temporalmente.

Conforme Silva (2010), o papel da escola na escolha dos livros utilizados nas séries iniciais é fundamental. É responsabilidade da escola estar atenta para a escolha do acervo de sua biblioteca, devendo optar por livros que contribuam para a formação de uma identidade positiva do negro e, simultaneamente, proporcionar aos alunos não negros o contato com a diversidade e as especificidades da cultura africana,

deixando, assim, para trás, uma visão estereotipada e preconceituosa das idiosincrasias dos referenciais afrodescendentes. Aprendendo a valorizar também as contribuições dos africanos para a cultura brasileira. Portanto, Munanga (2005:16), ressalta:

[...] não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos quotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional [...].

A literatura infantil pode influenciar de forma definitiva no processo de construção de identidades das crianças. A literatura serve, muitas vezes, como fonte de significados existenciais que poderão ser aplicados ao mundo real. Então, conforme Abramovich, (1989) para que o indivíduo possa formar a sua própria identidade, ele precisa recriar a realidade e imaginá-la. E nisto a leitura de contos infantis tem contribuição fundamental. Eras e Camargo (2005: 76), ressaltam que:

O negro sempre esteve muito presente neste debate tendo em vista que perseguir essa identidade brasileira passa pela discussão da etnicidade negra e sua contribuição cultural, bem como seus dilemas inseridos na construção da heterogeneidade das relações sociais marcadas no Brasil pelo traço das desigualdades sociais.

Portanto, vital é o reconhecimento da necessidade da valorização da literatura infanto-juvenil, com temáticas culturais afro-brasileira. Para que a identidade das crianças possa ser corroborada tanto por parte dos pais como dos professores neste processo. No qual, segundo Horta (2010), a falta de representação da criança negra fará com que a diversidade não seja contemplada e o processo de branqueamento acabará por deturpar as identidades em formação dos pequenos leitores. O que ocorrerá com as crianças negras é uma ausência de conteúdo que conte sua história e que faça com que, no futuro, elas tendam a transformar-se em adultos problemáticos em suas afirmações como sujeitos. A construção da identidade sofrerá forte influência de todas estas representações sociais. De acordo com Barreiros (2010: 2):

As representações se fazem em processo de comunicação por meio da linguagem, sendo assim, a literatura é campo fértil para a performance desses procedimentos, permitindo aos críticos e leitores construir significações. A língua como instrumento de comunicação entre os indivíduos traduz as representações sócio-históricas e culturais de uma sociedade.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

Neste sentido, a produção literária pode oferecer elementos próprios de uma determinada sociedade ou cultura, considerando que tais elementos são representações, muitas vezes, não diretas, que são apresentadas mediante o ponto de vista do outro.

Para Moscovici (1978), as representações sociais estabelecem o espaço das comunicações possíveis, dos valores ou das ideais presentes, nas visões compartilhadas pelos grupos, conduzem e orientam as condutas desejáveis ou admitidas. O autor vê as representações sociais como fenômenos quase tangíveis que circulam e cristalizam-se através de falas, gestos e outros acontecimentos do universo do cotidiano. Elas se posicionam numa encruzilhada entre o psicológico e o sociológico.

Segundo Jodelet (2001), encontramos representações sociais nos discursos, circulando em mensagens da mídia, cristalizadas nas condutas e em organizações. A autora considera representação social “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e compartilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum” (Jodelet 2001: 22). Neste sentido, Barreiros (2010: 5), ressalta:

A literatura infantil recente oferece um montante de informações e representações, pelas quais o leitor pode desenvolver a leitura, adquirir novos conhecimentos e valores, auxiliando-o na solução de situações da vida. Para o pequeno leitor, as histórias infantis, como as fábulas, os contos de fadas, propiciam o desenvolvimento cognitivo por meio do processo de representação e construções simbólicas. No caso da literatura de temática afro-brasileira contribui para reflexões que rompem com uma visão construída sob o fundamento das desigualdades, construindo uma visão sob uma base de valorização da diversidade.

Entendidas dessa maneira as informações apreendidas nas histórias infantis são importantes para auxiliar a compreensão das dificuldades próprias da infância ou, ainda, por possibilitar às crianças encontrar um caminho para a resolução de seus problemas na medida em que se identificam com os personagens das histórias que leem. De acordo com Walter (2009: 39):

[...] é possível problematizar o papel da diferença e das contradições na construção da identidade, já que qualquer processo transcultural reconhece que a identidade é construída por meio de uma negociação de diferenças e que a presença de fissuras, lacunas e contradições é uma parte necessária deste processo.

Para este autor a identidade afro-brasileira é construída com base na assimilação de valores diferentes. Nessa literatura existe a junção entre culturas negra, branca e indígena, sendo assim possível vislumbrar a miscigenação

construída e uma contradição necessária para a existência de um ser identitário brasileiro.

METODOLOGIA

Este trabalho é um estudo de caso realizado no período de maio a agosto de 2016, na Escola Municipal Plautila Lopes do Nascimento, numa turma do 3º ano do Ensino Fundamental.

Conforme o estudo de Martins (2000), o estudo de caso é precedido pela exposição do problema de pesquisa, são proposições orientadoras do estudo e por algum esquema teórico.

O estudo de caso é uma técnica de pesquisa cujo objetivo é o estudo de uma unidade que se analisa profunda e intensamente. Considera a unidade social, seja um indivíduo, uma família, uma instituição, uma empresa, com o objetivo de compreendê-los em seus próprios termos.

Desta forma, optei pela abordagem do estudo de caso em virtude deste me possibilitar investigar o tema num contexto real, a escola. Desta forma, optei pela abordagem do estudo de caso em virtude de me possibilitar investigar o tema em que me proponho dentro de um contexto real.

ANALISE DOS RESULTADOS

Para a realização do estudo de caso foram elaboradas algumas categorias, estas baseadas nas análises feitas das obras: Luana e as sementes de Zumbi, as tranças de Bintou e As panquecas de mama Panya.

Para tanto foi feita observação participante e oficinas de contação de histórias.

Foi confeccionado um roteiro de entrevista semi-estruturada, elaborada mediante questões com perguntas abertas e previamente definidas.

Sendo assim, de acordo com o questionamento sobre a escravidão, releitura; como elas vêm à escravidão.

Para introduzir uma discussão sobre esta categoria, após contar a história de Luana e as sementes de Zumbi que é uma obra que traz uma discussão sobre escravidão, sobre o sonho de Zumbi, as lutas deste e de todo o povo negro. Iniciei perguntando se eles sabiam que os negros trazidos da África para o Brasil não foram sempre escravos. Eles foram escravizados,

tinham uma vida como a nossa, tinham família, casas para morar, etc.

Foi ressaltado para os alunos ainda sobre a questão da diversidade racial que temos hoje em nosso país; foi falado das lutas desenvolvidas pelo povo negro no sentido de conquistar melhores condições de vida, enfatizando que o Quilombo de Palmares foi fundamental nesse contexto de luta onde os negros não permaneceram submissos e acomodados com sua condição de escravidão diferentemente, do que se tem propagado por muitos, inclusive por novelas globais.

Neste momento, foi feita uma reconstrução histórica a fim de demonstrar que a partir de todas essas lutas, hoje nós temos um cenário bastante diferente, urge por mudança, mas que temos bastantes avanços. Foi citado que temos negros ocupando diversos espaços na sociedade.

O fato é que após manter essa conversa com as crianças, as indaguei sobre o que elas sabem sobre escravidão. As mesmas só souberam falar sobre a novela global veiculada na televisão, citaram os castigos praticados contra o negro e demonstraram bastante pesar diante de tal situação.

Destarte, o que se percebe é uma total falta de informação por parte destas crianças no tocante à sua própria história, se distanciam tanto da pessoa do negro escravizado que é como se estes não pertencessem a tal grupo.

A escola tem uma responsabilidade muito grande por não adequar o currículo à realidade do aluno, mas fica evidente que a família também é muito importante nesse processo de construção da identidade étnico-racial da criança negra. O fato é que ao manter uma conversa com uma criança da turma pesquisada (trata-se de R, 6 anos), uma mãe de outra criança (G, 6 anos) se aproxima e diz: “A mãe de R é altona, negra, parece aquele povo da África”. (J, negra, mãe do aluno G). A mãe se refere ao povo negro vindo da África de modo muito distante, é como se ela não fizesse parte deste contexto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A carência da devida valorização das características físicas e culturais dos negros acaba por resultar em rejeição das crianças negras de sua ancestralidade e todos os símbolos a elas relacionados, prejudicando sua identidade em formação.

A imagem da África também precisa ser revista. A ideia predominante de que o continente africano é um país e que, de um lado, estão as selvas e do outro os negros doentes e famintos,

obviamente, elimina a possibilidade das crianças afrodescendentes se identificarem com a sua origem.

Por tudo isso é fundamental o papel da escola em apresentar uma imagem positiva dos referenciais afro-brasileiros e africanos. Atualmente, já está disponível material literário correspondente. Em meio ao que é produzido é possível encontrar equívocos, cabe aos educadores levantar questionamentos.

A solução surge de uma vontade política em investir na formação de professores. Somente assim será possível, através de educadores preparados, construir um futuro com igualdade de direitos e respeito às diferenças.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Scipione, 1989.

BARREIROS, Ruth Ceccon. Leitura e formação identitária na literatura infantil afrobrasileira . In: II Seminário Nacional em Estudos da Linguagem, Diversidade, Ensino e Linguagem UNIOESTE – Cascavel. *Anais...Cascavel*: UNIOESTE, 2010.Disponível em <cac.php.unioeste.br/.../ ...> Acesso em 7 set. 2011.

ERAS, Lígia Wilhelms; CAMARGO, Wander Amaral. *Notas sobre a trajetória do pensamento sociológico brasileiro e análise na perspectiva étnica negra na formação da identidade nacional*. Revista de Literatura, História e Memória – Revista da UNIOESTE, Cascavel, n.1, p. 77-83, 2005.

ERIKSON, Erick. H. *Identidade, Juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HORTA, Marina Luiza. *Colorindo a história: a literatura infantil afro-brasileira de Heloisa Pires de Lima*. *Portal Literafro* – Revista da Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte 2010. Disponível em <www.letras.ufmg.br/literafro/autores/heloisapires/heloisacritica01.pdf>. Acesso em 3 set. 2011.

JOVINO, Ione da Silva. Literatura infanto-juvenil com personagens negros no Brasil. In. SOUZA, Florentina e LIMA, Maria Nazaré (Org). *Literatura Afro-Brasileira*. Centro de Estudos Afro- Orientais, Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006

JODELET, D. (2001). Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). (pp.17-44). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ.

MARTINS, Gilberto de Andrade. *Guia para elaboração de monografias e trabalhos de conclusão de curso*. São Paulo: Atlas, 2000.



MOSCOVICI, S. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MUNANGA, Kabenguele. (org). *Superando o racismo na escola*. Brasília: Ministério da Educação, secretaria de Educação continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SILVA, Jerusa Paulino da. *A construção da identidade da criança negra: a literatura afro como possibilidade reflexiva*. 2010. 78 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Pedagogia) - Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora.

WALTER, Roland. *Afro-América: diálogos literários na diáspora negra das Américas*. Recife: Bagaço, 2009.

ZILBERMAN, Regina. *A Literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 2005.